

Início > Literatura > Ponto e Vírgula

‘A tensão superficial do tempo’: o retrato de um país sob o signo do bolsonarismo

Novo romance de Cristovão Tezza, ‘A tensão superficial do tempo’ escancara os limites e as impossibilidade de uma nação diante do fascismo.

por Jonatan Silva — 17 de julho de 2020 em Ponto e Vírgula



Tezza investiga as feridas do bolsonarismo em ‘A Tensão superficial do tempo’. Imagem: Divulgação.



Um país em colapso. A população dividida. E cada qual com a sua própria realidade engasgada na garganta. **Cristovão Tezza** usa essa tríade para compor seu novo romance, *A tensão superficial do tempo*, um libelo sobre a crise política, econômica e ética em que nos metemos. Diante desses inúmeros impasses, o autor reconstrói uma Curitiba assolada por um conservadorismo que flutua entre a demagogia e o bizarro. No epicentro desse ciclone coletivo está Cândido, um professor de Química que pirateia filmes na internet, cujo casamento ruiu e a vida profissional está em um beco sem saída.

Como em *Ascensor para o cadafalso* – longa de Louis Malle que percorre boa parte do livro –, Cândido é colocado frente a frente com um enigma impossível de ser resolvido. Sua relação com a mãe adotiva, as memórias do pai, a sociedade em um cursinho pré-vestibular e a tentativa de um novo enlace deixa o protagonista de Tezza em xeque. Da mesma maneira que em seu romance anterior, *A tirania do amor*, o escritor esculpe uma narrativa íntima dos personagens em que realidade e paranoia são postas lado a lado em um jogo de ideias e de espelhos.

Ainda assim, o autor de *Um erro emocional* (2010) não aceita o fascismo como resposta fácil para o catálogo de falhas que o Brasil se tornou.

E, por isso, *A tensão superficial do tempo* é um mergulho nos pensamentos dos seus personagens. Desde a cena inicial, em que Cândido está sentado em um banco no parque e passa a rever sua própria vida, Cristovão Tezza faz um acordo tácito com leitor, um acordo de que aquela será uma jornada noite adentro. Como Salinger e Cortázar, o escritor curitibano busca encontrar o sublime no caos cotidiano. E aí que o romance ganha corpo: na tessitura da relação entre os diferentes –

escancarando o nós e o eles que colocou famílias inteiras em lados opostos de uma mesma história.

Destaques



As maiores séries dos anos 80

01

36 COMPARTILHAMENTOS

02 A televisão dissemina o racismo estrutural?

0 COMPARTILHAMENTOS

03 Slasher sobrenatural brasileiro, ‘Skull – A Máscara de Anhangá’ é teia de referências visuais

0 COMPARTILHAMENTOS

04 As “mães de merda” do Calcinha Larga

70 COMPARTILHAMENTOS

05 ‘Good Girls’ – uma comédia dramática que não é bem o que parece

31 COMPARTILHAMENTOS

Siga-nos



Seja a primeira pessoa entre seus amigos a curtir isso.

Escolha dos Editores



A morte como performance na literatura

2 ANOS ATRÁS



2ª Feira Antropofágica de Opinião pensa o Brasil de hoje

5 ANOS ATRÁS



Ao mesmo tempo, o romance brinca com as múltiplas interpretações possíveis de um mesmo fato. Sob esse prisma, *Cândido* – não tão otimista como seu homônimo de Voltaire, mas igualmente ingênuo – parece funcionar como alguém capaz de catalisar esses diferentes lados em torno de si. Representando esses tantos descompassos, *Cândido*, ainda que um homem inteligente, vive nos escombros ao se envolver com Líria, filha de um figurão e para quem leva muitos dos filmes que baixa todas as noites para sua mãe, uma mulher que habita em seus últimos dias e cujo prazer é passar as horas matando a sua sede cinéfila.

Imprecisões morais

Essas tensões morais, e temporais, para não perder o trocadilho, fazem parte do *ethos* literário de Tezza e são facilmente encontradas em *O fotógrafo* (2004), *Trapo* (1988) e *O filho eterno* (2007), seu livro mais conhecido. É ao redor dessas imprecisões morais que o escritor cria boa parte de sua literatura, buscando algum conforto no fato de que somos todos, antes e acima de tudo, humanos.

Ainda assim, o autor de *Um erro emocional* (2010) não aceita o fascismo como resposta fácil para o catálogo de falhas que o Brasil se tornou. Tezza faz do livro um retrato fiel de um momento crítico e usa a arte para atravessar o abismo. *A Tensão superficial do tempo* é um romance bem arquitetado, que representa a diáspora que vivemos em tempos turvos de bolsonarismo e pandemia.

A TENSÃO SUPERFICIAL DO TEMPO | Cristovão Tezza

Editora: Todavia;
Tamanho: 272 págs.;
Lançamento: Julho, 2020.

COMPRE O LIVRO E AJUDE A ESCOTILHA



Quer receber notícias no Facebook?
 Clique aqui e curta a página da **A Escotilha**

Tags: A Tensão superficial do tempo Ascensor para o cadafalso bolsonaro Cristovão Tezza Crítica crítica literária Curitiba fascismo literatura literatura curitibana Louis Malle O Filho Eterno O Fotógrafo Operação Lava Jato resenha Todavia Trapo Um erro emocional

Post anterior

A subversão do cinema de Fassbinder em 'Querelle'

Próximo post

'Como eu cheguei aqui?' mostra a teoria da evolução de um jeito divertido

Destques



As maiores séries dos anos 80

01

36 COMPARTILHAMENTOS

02 A televisão dissemina o racismo estrutural?

0 COMPARTILHAMENTOS

03 Slasher sobrenatural brasileiro, 'Skull – A Máscara de Anhangá' é teia de referências visuais

0 COMPARTILHAMENTOS

04 As "mães de merda" do Calcinha Larga

70 COMPARTILHAMENTOS

05 'Good Girls' – uma comédia dramática que não é bem o que parece

31 COMPARTILHAMENTOS

Siga-nos



Seja a primeira pessoa entre seus amigos a curtir isso.

Escolha dos Editores



A morte como performance na literatura

2 ANOS ATRÁS



2ª Feira Antropofágica de Opinião pensa o Brasil de hoje

5 ANOS ATRÁS



Jonatan Silva

Jonatan Silva é jornalista, crítico literário e escritor. Passou pelas redações da Tribuna do Paraná e Paraná Online. Foi editor da revista Mediação do Colégio Medianeira e, atualmente, escreve regularmente com o jornal Rascunho e *Cândido*, e também o portal de cultura Escotilha. Colaborou com diversas publicações, entre elas a revista Flaubert e no jornal RelevO. É autor dos livros "O Estado das coisas" (2015) e "Histórias mínimas" (2019).

